

Editar a literatura juvenil de mulheres negras¹

Paula Renata Melo MOREIRA²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir dados oriundos da pesquisa “Mapeamento de escritoras negras na literatura juvenil brasileira”, realizada com bolsa do CNPq. A motivação inicial da pesquisa relacionava-se a identificar quem eram e em que editoras publicavam as autoras negras da literatura juvenil, tomando como marco temporal os anos de 2014 a 2019. A metodologia consistiu em fazer levantamento de catálogos de editoras que possuísem o nicho juvenil, para buscar identificar em suas publicações a presença de escritoras negras. Para além desse levantamento, também se cruzaram dados obtidos por meio de indicações de autoras, evidenciando uma rede de colaboradoras. Tal medida foi importante porque, como se notou, a maior parte das publicações de mulheres negras na literatura juvenil encontra-se em pequenas editoras ou se faz por meio de autopublicação.

PALAVRAS-CHAVE: autoras; literatura juvenil; mulheres negras.

Um problema de onde partir

Uma questão que tem continuamente vindo à tona na discussão acerca da produção literária é: quem ocupa seus espaços de privilégio e poder? Tal indagação se faz presente dada a compreensão de que a literatura, como qualquer outra prática social, está sujeita às injunções acerca do pertencimento, da representatividade e da distribuição desigual de oportunidades em relação aos recortes de gênero, raça e classe.

Tal questionamento, que atravessa diretamente a área da edição, está ancorado em uma pesquisa bastante conhecida, realizada por Regina Dalcastagnè e parcialmente exposta em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), na qual a autora exhibe investigação realizada com seu grupo localizado na Universidade de Brasília. Nela, são apresentados dados sobre qual o perfil de autores e personagens em romances de três editoras, à época consideradas as mais representativas do grande

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Pesquisa financiada pelo CNPq.

² Doutora em Estudos Literários (UFMG). Professora do CEFET-MG, onde atua no ensino médio; bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição; e Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, linha de Edição e Tecnologias. Pesquisadora dos grupos Mulheres na Edição e GIECE (CEFET-MG), e-mail: moreira@cefetmg.br.

mercado e também dotadas de capital simbólico, a saber: Companhia das Letras, Rocco e Record.

Ainda que tal pesquisa precise ser colocada em circunstância – como, por exemplo, deve-se atentar para o fato de que as editoras já se repositionaram no campo de lá para cá –, os dados que traz são marcantes para discussões acerca da falta de representatividade de alguns segmentos e de como a literatura reproduz certa organização social do país. Grosso modo, os resultados indicam significativa preponderância de autores e mesmo personagens homens, brancos, heterossexuais, de meia idade, oriundos de uma classe média a alta nos romances produzidos pelas editoras citadas. Em que pese a não condenação em nenhuma instância de obras produzidas por pessoas com tal demarcação de gênero, raça, idade e classe, avulta aos olhos a reprodução no meio literário de uma divisão social. Como argumenta Dalcastagnè, ao indicar que não se trata de um policiamento individual da prática de escritores, a pesquisa busca

apenas mostrar e entender o que o romance brasileiro recente – aquele que passa pelo filtro das grandes editoras, atinge um público mais amplo e influencia novas gerações de produtores literários – está escolhendo como foco do seu interesse, o que está deixando de fora e como está representando determinados grupos sociais (2012, p.148).

O recorte da pesquisa acima citada preocupou-se, então, em mapear a distribuição dos perfis de autores e personagens em um gênero bem estabelecido, o romance. Todavia, a evidência da desigualdade parece ser demonstrável em outros segmentos, especialmente quando se leva em conta a menor incidência de capital simbólico em determinados gêneros literários/textuais.

Incômodo gerado, havia um problema de onde partir. Somei-o à minha prática de professora atuante também no ensino médio, com alunos que efetivamente leem obras situadas para além de o que a escola elenca como recomendável. Tal prática já havia suscitado uma pesquisa mais ampla no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING/CEFET-MG), intitulada “Literaturas juvenis, mercado editorial e sociabilidades em rede”, que agrega estudos sobre práticas juvenis envolvendo livros e leitura, tais como *booktubers*, *fandoms*, *fanfics*, etc. Já existia, portanto, um caminho envolvendo a pesquisa do nicho e o desejo de fazer cruzamentos de raça, gênero e classe nas interfaces dessa investigação. Então, ao fim de uma aula de História da Leitura e Formação do Leitor, no curso de Letras – Tecnologias da Edição do CEFET-MG, uma aluna – Lorrany Mota de Almeida – me procura querendo estudar as

autoras negras na literatura infantil brasileira. Faço uma contraproposta: por que não direcionamos nosso olhar para a literatura juvenil, sob esse mesmo enfoque? Estavam lançados alguns dados: pesquisariamos, em uma Iniciação Científica financiada pelo CNPq, quem eram as autoras negras que escreviam para a literatura juvenil.

Complexificando a questão

Por que é importante fazer tal mapeamento? Se, para a pesquisa de Dalcastagnè, trabalhava-se com um gênero de “clara proeminência no campo literário” (2012, p.149), no trabalho que ora se apresenta, busca-se um nicho – não um gênero – com intensa relevância econômica no campo editorial. Como aponta Tárzia Alcântara Freitas, “esses jovens se tornaram um nicho de mercado altamente significativo” (2019, p.13).

Ainda que comercialmente relevante, a inscrição simbólica da literatura juvenil é menos bem situada quando levamos em conta as instâncias de legitimação. Em que pese existirem prêmios que, hoje, já distinguem obras feitas para públicos não adultos, como as listas de laureados da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o que se pode perceber é que os livros que ganham os prêmios em concursos desse tipo são aqueles fortemente marcados por constructos linguísticos, bem como projetos editoriais mais trabalhados, voltados, muitas vezes, para a leitura escolar. Não era exatamente o tipo de obra que nos interessava. Queríamos avaliar a literatura menos mediada pela escola e, sim, aquela produzida mais para o consumo e menos para os prêmios, em que pese a extrema fluidez desse conceito. Essa literatura, especificamente, tem relevância financeira, mas não necessariamente simbólica.

Para além da questão escolar, outro problema se imiscui nessas considerações. Há extrema volubilidade na circunscrição de o que é literatura juvenil. Nicho relativamente novo no mundo editorial, ainda é muitas vezes assinalado por sua proximidade com a literatura infantil, gerando o incerto “infantojuvenil”. A fortuna crítica do termo também traz tal problema. Quando se buscam produções acadêmicas acerca da literatura juvenil, costumamos nos deparar com reflexões acerca da literatura infantil ou da dita infantojuvenil. As obras mais voltadas para os jovens, curiosamente, estão inscritas em outros subnichos, como *young adult*. Como indica Dolores Prades,

Diferentemente das fronteiras e dos critérios bem definidos da literatura para crianças, os limites da literatura juvenil carecem de clareza e consenso. A identificação de um determinado destinatário que pode definir o gênero não dá conta de todas as questões que ele suscita (2012).

Tal falta de consenso deve-se em parte ao endereçamento do público. Literatura juvenil é, portanto, aquela destinada aos jovens. Mas o que é jovem?

Ao se caminhar pela historicização do conceito, percebe-se que a ideia de jovem pode até ser orgânica/corporal, marcada pelas mudanças hormonais e de crescimento, mas a noção de adolescência – e *a posteriori* de juventude – é, por sua vez, construída socialmente. Assim como o infante, que em meados do século XVIII passa a ser individualizado, também o adolescente é produto de uma série de conjunções que nos fazem olhar para essa etapa da vida e distingui-la como algo diferente da infância e da vida adulta. Já no século XIX havia indícios dessa individuação: “a escola contribuiu para a definição do modelo de infância burguês, separando a criança do mundo dos adultos, e contribuiu, no final do século XIX, para a definição de uma nova categoria dos não-adultos: a adolescência” (PINHEIRO, 2007, p.70). Essa primeira fase da juventude ocorre como um entreato situado entre infância e juventude. O século XX, todavia, é responsável por uma especificação em termos de *ethos* e mercado, gerando uma relação entre essa faixa da vida e o consumo de produtos específicos. A juventude teria, portanto, para a sua construção, herdado o modelo da rebeldia: “esse modelo do jovem, de classe média, rebelde à ordem existente chegou ao Brasil em torno de 1950” (PINHEIRO, 2007, p.75). Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro relembram:

No ano de 1985, a Assembleia Geral das Nações Unidas apresentou uma definição na qual o jovem seria o indivíduo pertencente ao grupo populacional localizado entre 15 e 24 anos. Essa identificação, no entanto, admite certa flexibilidade, estendendo a faixa etária definida tanto na direção da idade mínima como no sentido de ampliar os limites pré-estabelecidos. Dessa forma, por exemplo, a idade pode ser deslocada para incluir o grupo de 10 a 14 anos, incluindo também a referência a áreas rurais e de extrema pobreza (2015, p.13).

A complexificação do conceito, como se pode ver, relaciona-se também à sua amplitude. Entre adolescente e jovem, há uma série de meandros não facilmente discerníveis. Especialmente porque “jovem” tornou-se um signo em disputa, para além da faixa etária propriamente dita. Ademais, a ideia abstrata que se faz de jovem não é o jovem real, sendo este atravessado por outras circunscrições, como a raça, o lugar de origem, a classe, o gênero, etc. Segundo Abramovay e Castro, “parte-se da afirmação de que não há somente uma juventude, mas juventudes que se constituem em um conjunto

diversificado com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na nossa sociedade” (2015, p.14).

Especificamente para o estrato com o qual nos interessa trabalhar – a literatura juvenil escrita por mulheres negras –, seu público preferencial parecem ser mulheres adolescentes e jovens também negras, duas demarcações (de gênero e raça, para não mencionar a classe) que tornam o desenho mais intrincado. Dadas certas construções históricas que ultrapassam a questão corporal/genética, as mulheres parecem adentrar o mundo adolescente mais cedo, não porque haja qualquer disposição corporal nesse sentido, mas por injunções próprias de uma sociedade machista que as sexualiza e objetifica muito precocemente. Quando os recortes de raça e classe são superpostos, temos um público que adentra o mundo adolescente/jovem de forma bastante prematura.

Por que supor esse público-alvo? Segundo a série histórica *Retratos da leitura no Brasil*, cuja última edição saiu em setembro de 2020, as mulheres seguem sendo mais leitoras do que os homens – ainda que precisemos colocar algumas questões sobre o desenho da pesquisa no que concerne à definição de leitura adotada³. Outro ponto relevante, mas que não foi contemplado pela série histórica, é a abordagem de gênero quanto ao gosto de leitura. Ou seja, homens leem mulheres na mesma proporção em que mulheres leem homens? Não há dados confiáveis sobre tal indagação, mas casos exemplares como o de J. K. Rowling, cujo nome feminino precisou ser obscurecido para não bloquear seu sucesso entre leitores meninos, parecem nos indicar que há certa relação entre a autoria feminina e sua baixa recepção pelo público masculino.

Para a pesquisa, não seria o polo da recepção o foco dos interesses e, sim, o da produção. Todavia, é impossível perder de vista o aspecto do circuito, do livro feito para um receptor – ainda que ideal. Tais compreensões afetam diretamente o traçado metodológico da pesquisa, na medida em que formatam que tipo de dados devem ser considerados. A configuração, portanto, de o que é jovem impacta o recorte da literatura juvenil à qual voltaremos nosso olhar.

Beatriz Helena Robledo (2011) evidencia obstáculos para o contorno do termo. Uma delimitação pela temática, por exemplo, seria equivocada, na medida em que há

³ A pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2020) mantém a definição de leitor como aquele que leu ao todo ou em partes pelo menos um livro nos últimos três meses. A preservação de tal definição deve-se à necessidade de acompanhar o desenvolvimento da série histórica, mas contém certos problemas – como sói acontecer a qualquer definição de leitor ou leitura, empreendimento sempre limitado. No caso da pesquisa citada, a relação da leitura voltada apenas para o livro, a questão temporal e a concessão a apenas “partes” lidas tornam complexo o trabalho com o conceito de “leitor”.

livros com personagens jovens não feitos especificamente para serem lidos por jovens. A autora aponta também dificuldades em circunscrever literatura juvenil pela recepção, afinal, há jovens que leem literaturas de todos os tipos, inclusive as ditas adultas, feitas sem delimitação de público. Para definir literatura pelo polo da produção, Robledo indica pensar o endereçamento editorial: os aspectos próprios do projeto gráfico, como capa e design, por exemplo, que seriam direcionados a esse público, podem ser um bom indicativo para delimitar o que seria um produto de literatura jovem. O endereçamento é uma boa maneira de circunscrever o nicho, embora esse aspecto também seja eivado de problemas. Quando falamos de endereçamento, estamos pressupondo um modelo típico de jovem, que não necessariamente corresponde ao jovem real. Em geral, o que se prevê nos produtos para essa faixa é uma representação de o que seria o gosto do jovem de classe média, mediano e desindividualizado, baseado, afinal, apenas por sua faixa etária. Todavia, essa performance tem um duplo movimento: busca “refletir” o que seria o jovem, ao mesmo tempo em que atua sobre a performance dos jovens efetivos que a recebem.

O nicho, então, assim configurado por um endereçamento performático, tem visto o crescimento de nomes como os das brasileiras Paula Pimenta, Thalita Rebouças, Babi Dewet, por exemplo, além de uma avalanche de estrangeiros. Como aponta Eliana Guimarães Almeida, em sua tese sobre escolhas de leituras de jovens de meios populares, ao comentar dois fatores que avultam em sua pesquisa: “o primeiro deles é a preferência por livros que, de alguma forma, têm uma continuação, que são aqueles pertencentes a séries, sagas ou trilógicas e o segundo fator é a quase totalidade de autores estrangeiros na lista de preferidos” (2019, p.149). Sem dúvida, ainda que não seja nosso foco aqui, é relevante notar o impacto que a indústria do entretenimento tem sobre o consumo de livros, especialmente emblematizado pela procura de séries, sagas e mesmo adaptações de jogos, filmes e séries de cinema ou canais de streaming. Uma constante, todavia, parece gritar: a totalidade dos autores, pelo menos nessa pesquisa, é branca. As listas mais populares de acompanhamento de vendas, como a do Publishnews, por exemplo, também parecem manter tal constância no nicho juvenil⁴.

Essa distribuição desigual acena, portanto, para um cenário muito similar àquele delineado por Regina Dalcagnè na pesquisa indicada no início desse texto: “Se negros

⁴ Para o site do *Publishnews*, o nicho aparece como “Infantojuvenil”.

e pobres apareciam pouco como personagens, como produtores literários eles são quase inexistentes” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.148). Isso leva à questão – também inspirada na pesquisa da UnB –: mulheres negras escrevem menos para esse nicho ou encontram maiores dificuldades para publicar?

Alguns resultados

O mapeamento, feito em um ano (2019/2020), é de natureza claramente parcial e encontrou sérias dificuldades para ser levado a cabo. Parte dessas dificuldades são inerentes à própria disposição do campo editorial, no que concerne à divulgação de dados confiáveis acerca de seu funcionamento, tanto em relação às grandes editoras, como às pequenas – que sequer estão totalmente visíveis, dado o surgimento pouco identificável de vários novos empreendimentos. Outra parte relaciona-se aos problemas anteriormente levantados: a circunscrição do nicho, a delimitação etária, o gênero das publicações.

Acerca desse último, embora tenhamos identificado certa movimentação acerca da poesia endereçada a jovens⁵, foi nosso foco de atenção o romance e o conto. Na tese retrocitada, Almeida esclarece que, em sua pesquisa, há “predomínio da preferência por livros em prosa em relação aos livros em verso” (2019, p.134). A circunscrição de poesia a partir de um endereçamento também se mostrou mais problemática, fazendo com que a escolha por prosa fosse a mais evidente para o contexto.

Foram pesquisadas 145 editoras, de grande, médio e pequeno porte, sendo essa mesma classificação fugidia. Nas editoras investigadas, mapeou-se a existência de livros ou de selos voltados para o público adolescente/jovem. As nomeações para os selos variavam, existindo nomes diversos como “Juvenil”; “Infantojuvenil”; “Jovem e adulto”, entre outros. Algumas editoras possuem mais de uma demarcação, como “juvenil” e “infantojuvenil”, com vários livros iguais indexados nas duas abas. Outras possuem subdivisões dentro do nicho, como *young adult*, *chick lit*, etc. Das casas pesquisadas, várias não possuíam nicho juvenil ou não publicavam autores brasileiros para esse segmento. Há a possibilidade também de editoras não terem selo especificamente juvenil, mas possuírem em seu catálogo obras que se encaixam no endereçamento para jovens.

⁵ Karine Bassi, poeta belorizontina (Venas Abiertas/Coletivo), em apresentação durante o evento Cartografias da Edição Independente (POSLING/CEFET-MG, 2019), na mesa redonda intitulada “O mercado editorial independente: estratégias e alternativas” (24 set. 2019), afirmou que, em sua prática poética e docente, tem percebido renovado interesse dos adolescentes e jovens por poesia. Tal interesse seria ocasionado, talvez, pela forma diferenciada com que poetas jovens dizem poesia, mobilizando para isso, vocalidade e performance corporal. Um bom exemplo pode ser encontrado nos *slams*.

Foram localizadas 28 autoras negras escrevendo para o nicho. O mapeamento ocorreu por meio da avaliação de catálogos, mas também pela indicação de nomes, pois, ao contarmos autoras por meio das redes sociais, estas sempre apontavam colegas escritoras, prefigurando assim uma rede de colaboração. As escritoras localizadas estão distribuídas nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro Oeste, embora seus lugares de publicação sejam majoritariamente localizados no Sudeste, o que indicia a conhecida concentração do campo editorial – embora tenhamos visto nos últimos anos uma pluralização desses locais, muito por conta das editoras de pequeno porte. Não parece ser, todavia, uma realidade para o nicho pesquisado.

Um dado curioso, porém não surpreendente, é que nenhuma das editoras de grande porte da nossa mostra possui autoras negras em seus catálogos de literatura juvenil. Das 28 autoras encontradas, localizamos 80 obras lançadas, das quais 25 estão em pequenas editoras que financiaram as publicações, 20 em pequenas editoras em regime de coparticipação (com custos divididos entre autora e editora ou entre autora e agência literária), enquanto 35 foram autopublicadas. Nesse caso, consideramos autopublicação quando as autoras assumiram os custos dos livros ou quando fizeram uso de softwares de publicação, como o da Amazon. No caso da autopublicação, muitas vezes as autoras assumem todo o processo editorial; noutras, terceirizam-no, arcando com os custos. Das 80 obras, 16 foram lançadas em forma impressa, 19 em impresso/digital paralelamente, 34 em e-books e ainda 11 em plataforma digital, como *Wattpad*.

As autoras mais conhecidas do nicho são Olívia Pilar, Lavínia Rocha, Solaine Chioro, Lorrane Fortunato e Lethycia Dias, cuja atuação em redes sociais, como Instagram e Twitter, e aparecimento em coletâneas – como, por exemplo, *Todo mundo tem uma primeira vez* (PILAR *et al*, 2019) pela Plataforma 21 –, garante alguma visibilidade. A constante participação em *lives* em que indicam os livros umas das outras e discutem temas como feminismo e representatividade, bem como o trabalho em *podcasts* e *blogs*, também ajudam a perfazer uma rede de seguidores.

Uma análise dos resultados, entretanto, aponta alguns itens dignos de observação. A primeira questão está relacionada às editoras. Como se sabe, a casa editorial é vista “como fiadora da validade das obras que publica, num jogo de benefícios mútuos, autores e obras transferem capital simbólico para a editora que os publica, mas também recebem o prestígio que ela já acumulou” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 150). Nesse sentido, é sintomático que nenhuma casa de grande porte apareça como fiadora da literatura juvenil

de mulheres negras, entendendo que esse nicho – o juvenil – é de forte apelo comercial. Ainda que muito se diga sobre a possibilidade de autores contemporâneos editarem suas próprias obras, a casa editorial permanece sendo um esteio tanto material, quanto simbólico – em termos de distribuição, divulgação e mesmo construção do nome do autor nela publicado.

Todavia, a disposição atual do campo editorial no Brasil tem apontado para a atuação de pequenas editoras, muito mais dispostas a “correr riscos” com a publicação de autores desconhecidos. São essas editoras também, muitas vezes, as que fomentam publicações consideradas de nicho, cuja repercussão se daria em um grupo específico de consumidores. Todavia, se o juvenil pode ser considerado um nicho, não o é nos mesmos moldes, por exemplo, que a literatura indígena ou negra, na medida em que movimentam economicamente de forma significativa o mercado editorial. Seu recorte de raça, entretanto, não parece alcançar a mesma visibilidade. Deve-se avaliar, entretanto, novas movimentações nesse setor, posto que há uma revitalização de pensadoras negras voltadas para o público adulto, como Djamila Ribeiro, Angela Davis, Audre Lorde, entre outras, alcançando grande sucesso editorial.

Quanto ao aspecto material de nossa mostra, é importante demarcar também a maior incidência de e-books ou livros lançados em plataformas digitais. Tal baliza indica para nós alguns tópicos que merecem atenção. *A priori*, pode-se pensar que a preferência pelo material digital tenha a ver com o consumo de livros não impressos em mais larga escala pelo público adolescente. Não é exatamente o que parece apontar a tese de Almeida: “é significativa a quantidade de participantes que respondem ler apenas em meio impresso e a inexistência de leitores que afirmam ler somente em meio digital. Esse dado mostra que o livro físico ainda tem o seu lugar de destaque na preferência dos leitores” (2019, p.128). Outros desenhos parecem, então, se formar. Em termos de legitimação, é indubitável que esta ainda ocorre mais fortemente atrelada à publicação impressa – o que não tem acontecido, então, com a maior parte das produtoras de nosso recorte. Por outro lado, o e-book, por mais que tenhamos um acesso amplo a máquinas digitais, ainda não é tão largamente consumido como esperado, nem universal, o que nos coloca alguns problemas sobre o público adolescente consumidor dessas obras, especialmente as mulheres negras adolescentes.

Um ponto ainda deve ser mencionado quanto a observações feitas no decorrer da pesquisa, embora sejam observações circunstanciais, cujos dados não foram comparados

à literatura juvenil em grandes editoras. A homossexualidade feminina aparece com frequência em romances e contos das autoras de nossa amostra. Para não deixar de dialogar com a pesquisa que inspirou este levantamento, Regina Dalcastagnè aponta, em seu recorte, uma “figuração estereotipada de mulheres, de negros e outros estratos marginalizados” (2012, p.164) nos romances por ela pesquisados. Acerca desse congelamento, Dalcastagnè atenta para a inexistência de cruzamentos:

parece se confirmar a existência de um padrão implícito (homem, branco, heterossexual, brasileiro), sendo que a transgressão de um dos seus critérios amplia as dificuldades para que outro também seja rompido. Dito de outra forma, se a personagem é do sexo feminino – isto é, foge ao padrão “homem” – é menos provável que deixe de ser branca, heterossexual e brasileira; se não é branca, então, é mais provável que seja homem, heterossexual e brasileiro, e assim por diante (2012, p.178).

Nossa amostra de literatura juvenil escrita por mulheres negras, embora não tenha sido avaliada tematicamente em sua totalidade, aponta para outro caminho, em que há maior diversidade no desenho dos personagens. Um exemplo marcante é o romance *Reticências* (Agência Página 7, 2019), de Solaine Chioro, em que a protagonista é uma mulher negra, gorda e que trabalha em uma agência de publicidade. Sua melhor amiga é cadeirante, lésbica e está noiva, enquanto seu futuro amor é um homem negro, gordo e também publicitário. Há, portanto, um entrecruzamento de características que complexifica os personagens, fazendo fugir do estereótipo em termos de identidade e de colocação social.

Certamente, nosso recorte merece algumas reflexões mais demoradas. A demarcação etária, o endereçamento do nicho, quem e o que escreve, em que editoras estão – todos esses temas merecem reconsideração a partir dos dados obtidos, especialmente em comparação com a literatura juvenil situada em grandes editoras. Todavia, pelos resultados ora apresentados, parece pulsar a percepção de que o racismo sistêmico e estrutural no Brasil permeia várias camadas, atingindo desde a distribuição desigual de bens de consumo, como também a produção desses itens e sua legitimação no espaço editorial e literário nacional.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. *Cadernos Adenauer VXI*. n.1, 2015.

ALMEIDA, Eliana Guimarães. Critérios e preferências. **Literatura juvenil sob a ótica de leitores adolescentes de meios populares**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2019. Tese de doutorado.

CHIORO, Solaine. **Reticências**. Agência Página 7, 2019.

DALCASTAGNÉ, Regina. Um mapa de ausências. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil* – Apresentação da 5ª edição. São Paulo: Itaú; Instituto Pró-Livro, 2020.

FREITAS, Tércia Alcântara. **Adolescência como público-alvo: o discurso da publicidade de produtos teens**. Curitiba: Appris, 2019.

PILAR, Olívia *et al.* **Todo mundo tem uma primeira vez**. São Paulo: Plataforma 21, 2019.

PINHEIRO, Marta Passos. *Literatura infantil e juvenil: uma reflexão sobre a construção da infância e da adolescência*. In: PAIVA, Aparecida *et al* (orgs.). **Literatura – saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

PRADES, Dolores. Literatura juvenil ou leitura juvenil? **Revista Emília**. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/literatura-juvenil-ou-leitura-juvenil/>. Acesso em: 10 out. 2020.

ROBLEDO, Beatriz Helena. Literatura juvenil, ou uma maneira jovem de ler literatura? **Revista Emília**. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/literatura-juvenil/>. Acesso em: 11 out. 2020.